

LUZ & CENA

ANO 1 - OUTUBRO 97 - Nº 1 - R\$ 3,50

MOVING LIGHTS

Modernizando o Teatro Brasileiro

ANTONIO BOMFIM

40 Anos de Fotografia

ROCK IN RIO CAFE

Entrevista com Peter Gasper



Moving Lights no Teatro

Modernizando uma Arte Milenar

Ainda me lembro a primeira vez que vi um dos chamados grandes musicais na minha vida. Foi em Londres e lá estavam, na boca-de-cena, doze Varilites em uma cena onde os refletores simulavam a decolagem de um helicóptero. Fiquei totalmente estarecido com o efeito, mas a primeira coisa que me veio à cabeça foi: “como eles podem arcar com esta despesa?”.

De lá para cá, uma explosão de fabricantes e produtos tornou os preços dos ditos *movings* acessível, permitindo que a tecnologia de refletores programáveis pudesse chegar aos nossos shows e, agora, até mesmo aos nossos espetáculos teatrais; e por isso surge o dilema daqueles encarregados de projetar os nossos teatros: “To buy or not to buy?”. Já é hora de empregarmos esta tecnologia em nossos teatros? Ela já está madura? Temos condições técnicas e artísticas para manter e utilizar este tipo de equipamento em

toda a sua potencialidade? É realmente vantajoso, vale o investimento? Arrisco-me a responder que sim.

É inegável que, com a febre insana de horários imposta pela maioria de nossos teatros, inclusive alguns bem conceituados (um horário nobre, um alternativo, dois infantis e algumas vezes um showzinho de quebra no mesmo palco), nós iluminadores estamos pensando com a falta de refletores, linhas e pior, a falta de espaço físico para se pendurar um projetor. Em um momento em que a iluminação do espetáculo se torna cada vez mais presente e participante, estamos ficando sem condições técnicas de nos expressar artisticamente e realmente acredito que a solução para este impasse sejam os *moving lights*.

Muitas pessoas têm na cabeça a visão errada do *moving* somente como um refletor que se utiliza quando se deseja ver um fecho de luz

ou um gobo se movendo de um lado para o outro, e não se dão conta que eles param no lugar onde queremos! Assisti certa vez em espetáculo do Béjart onde só pude confirmar que os refletores eram *movings* na última cena, quando eles efetivamente se moviam abertos, pois em todo o resto do espetáculo eles se portavam como refletores convencionais, se moviam enquanto apagados e quando se acendiam já estavam estáticos na posição e na cor da cena. Alguns poucos projetores faziam o papel de centenas.

Imaginem um parque de luz bem distribuído com uma bateria de frente, centro e contra-luz (e se possível também nas laterais e boca-de-cena) com *moving* variados (*wash* e *Spot*) suficientes para se compor duas cenas, para que se possa preparar a cena seguinte enquanto a primeira está no ar. Projetores com foco e zoom controláveis, com abertura razoável para que se possa cobrir as possibilidades de foco, com um sistema de cores por subtração CMY homogêneo e preciso, disco com gobos básicos e espaço para um ou dois gobos exclusivos para cada produção; e motores macios e precisos (acredito que em teatro, os eventuais movimentos devam ser lentos, pois em um refletor com motores ruins pode se notar claramente o salto entre um passo e outro do motor: terrível!), e ainda por cima silenciosos. Tudo isso com um comando simples e de alta resolução, com possibilidades de *crossfades* de cena, e o maior número de *submasters* possível, para atender tanto o uso em peças teatrais quanto em shows (quanto ao protocolo de comunicação, ainda acredito no DMX que, apesar de estar se mostrando limitado, é o único que controla a imensa maioria dos aparelhos estando seu substituto ainda indefinido).

Não seria a solução para mais de 80% da luz? Já é possível!





A única preocupação é a manutenção e a disponibilidade de equipamento sobressalente pois, no caso dos *movings*, um refletor a menos em um espetáculo pode causar um transtorno incalculável, visto que ele pode estar executando a função de mais de trinta. Se você não pretende zelar pelo equipamento, e nem ter um ou dois projetores de cada modelo de *stand-by* em seu teatro, esqueça ou você terá um tremendo elefante branco nas mãos. Já existem empresas especializadas em manutenção destes equipamentos no Brasil e certamente a tendência é de que com a procura, a oferta de serviço aumente, mas sendo os componentes importados, alguns não existem em estoque e levam alguns dias para chegar por aqui, daí a importância dos projetores sobressalentes.

Não acredito na extinção total dos refletores convencionais em teatro: estes serão um complemento para que se possa utilizar ângulos de ataque e efeitos exclusivos de cada espetáculo (seria impossível prever e cobrir todos os ângulos de ataque, principalmente pinos e laterais com *movings*). Os refletores elipsoidais são certamente um complemento que não pode faltar, pois a maioria dos projetores



automatizados ainda não dispõem de dispositivo de facas para recortes, restando para eles somente a possibilidade de colocação de gobos com os recortes desejados, o que pode ser difícil de ajustar.

Apesar de saber que a transição será certamente muito dolorosa, acredito que vamos todos nos adaptar muito bem, não foi assim com as mesas programáveis que, apesar de termos tido muitos problemas pelo fato de nossos operadores não terem tido oportunidade de treinamento (a grande maioria das mesas foi simplesmente colocada nos teatros

por firmas que nem sequer manual em português providenciaram), e hoje em dia, quem consegue viver sem elas? Pessoalmente só de pensar que vou a um teatro onde a mesa de luz é manual, sinto arrepios e me vêm à cabeça as longas horas que levarei para fazer o roteiro com todos aqueles – entra – sai – prepara, e as enormes chances de um pequeno engano na preparação em um dos *presets* deixar o ator principal do espetáculo no escuro.

Além de se reduzir drasticamente o trabalho de montagem e diminuir também a quantidade de projetores e de energia despendida reduzindo custos finais, os *movings* abrem uma gama de possibilidades de utilização praticamente infinita. A programação torna-se então o trabalho principal do projeto e obriga o iluminador a saber exatamente o que quer tornando a criação muito mais estudada, o que acredito ser mais um ponto a favor.

Moving lights e teatro, sim, sim, sim!



Rogério Wiltgen é Iluminador formado pelo British Council, Londres, em março de 1991

